

EDITORIAL

Caríssimo leitor!

A via do conhecimento, a cada dia, torna-se variada e instigante. A multiplicidade de pesquisas, estudos, informações e dados movimenta, de forma vertiginosa, saberes e buscas na construção de posturas e linhas de ação que servem como aporte para que seja alicerçado um trabalho consistente e reflexivo. O homem cresce, procurando a si mesmo na incógnita da vida e na profusão de mistérios que o cercam desde o nascimento. A visão do homem contemporâneo é caleidoscópica, explode em mil possibilidades e descobre outras tantas no cotidiano de sua trajetória.

A temática da deficiência visual, foco central deste periódico, traz-nos, claramente, assuntos recorrentes que revelam a grandeza e a complexidade de um tempo que precisa ter o olhar mais profundo e regenerador quanto às práticas humanas, sociais e intelectuais que cristalizaram, por longos períodos, condutas nem sempre apreciadas.

Representações da deficiência visual, inclusão, acessibilidade e comportamentos pedagógicos deslizaram e ainda deslizam nestas páginas, que buscam dar concretude a ideias e apontar possíveis diretrizes a seguir. A empreitada é trabalhosa, mas a busca é sempre viva e necessária, já que anima o espírito de pesquisadores e docentes.

Mais uma vez, caríssimo leitor, nossa revista chega até você. Compartilhemos uma leitura que, esperamos, preencha suas expectativas.

A Prof^a. Dra. Marcia Moraes abre esta edição com o prefácio do livro resultante da tese de doutorado de Maria Rita Campello Rodrigues – “Mosaico no Tempo: uma Inter-Ação entre Corpo, Cegueira e Baixa Visão”. O trabalho mostra como a cegueira e a baixa visão são analisadas tendo como perspectiva o **corpo**. O aprofundamento teórico e a visão humanística dessa pesquisa espicaçam nossa vontade de ler e mergulhar numa abordagem que se faz relevante e, ao mesmo tempo, desveladora de mitos.

O primeiro artigo, intitulado “Representações Sociais no Discurso da ‘Inclusão’ de Alunos com Deficiência Visual”, da autoria de Cristina dos Santos Bianchi e Maria da Conceição de Almeida Barbosa-Lima, fala-nos da estrutura do discurso de um professor que atua no Ensino Fundamental. As dificuldades e as barreiras existentes sob a perspectiva inclusiva são postas à mostra. A reflexão entre inclusão *versus* exclusão precisa vir à tona para que possamos, de fato, criar espaços inclusivos verdadeiros na educação, bem como em todas as esferas da sociedade.

“Uma Perspectiva sobre a Inclusão de Cegos: Considerações de uma Professora de Matemática”, de Luí Fellippe da Silva Bellincantta Mollossi, Tatiana Comiotto Menestrina, Marnei Luís Mandler e Laura Comiotto Menestrina, discute a caminhada de um aluno cego numa escola inclusiva diante das dificuldades trazidas pelo ensino da Matemática. Os desafios apresentados à professora e à aprendizagem desse aluno impuseram a procura de metodologia e estratégias pedagógicas que suprissem as necessidades e especificidades de alguém que pode alcançar o conhecimento mas depende de suportes didáticos que privilegiem sua potencialidade real.

Assinam o próximo trabalho Taiane Aparecida Ribeiro Nepomuceno e Leiza Daniele Zamber. Seu estudo, “Uma Análise sobre os Recursos Didáticos Táteis Adaptados para o Ensino de Ciências a Alunos com Deficiência Visual Inseridos no Ensino Fundamental”, vem corroborar a pertinência do **princípio da concretização**, procedimento didático que deve fazer parte dos postulados seguidos por professores de alunos com deficiência visual, principalmente os cegos. Como os recursos didáticos jamais devem ser negligenciados, o referido artigo ressalta a prática da utilização de equipamentos e metodologias que favorecem o aluno cego nas aulas de Ciências.

A áudio-descrição vem-se constituindo em elemento bastante apreciável sob o foco da acessibilidade. A cultura e as artes precisam chegar aos cegos, não se tratando de uma concessão, mas de um direito. Ana Beatriz L. de Moraes, Maria Cecília Tavares e Ana Maura A. Lopes discorrem sobre o assunto numa proposição inserida na prática docente das autoras: “Áudio-descrição na Escola: uma Proposta Pedagógica Inclusiva de Acessibilidade Cultural”.

A cada dia, ganha mais força o debate sobre educação alimentar e regulação das boas práticas nutricionais. Desde a infância, a preocupação com o ato de “comer bem” permeia a sociedade, alertando-a para os prejuízos e exageros, os quais, muitas vezes, são negligenciados.

Esse assunto nutricional teve, em um grupo de pesquisadoras da Universidade Federal de Juiz de Fora, seu desenvolvimento direcionado a pessoas com deficiência visual. O trabalho “Educação Alimentar e Nutricional como instrumento de promoção da autonomia e inclusão social de pessoas cegas” apresenta-nos a sugestão de materiais educativos que trazem, ao mesmo tempo, conhecimento e informação. Assinam o estudo: Amanda Moreira Cardoso Luiz, Bruna Pires Luz Silva, Aline Soleane Carmo Braga, Juliana Gonçalves Santos e Larissa Loures Mendes.

Fechando este número, trazemos um relato de experiência da professora Flávia Daniela dos Santos Moreira. Em seu título, “Cantando, Brincando e Aprendendo: a Importância das Músicas e Histórias Infantis para o Aprendizado de Conceitos por Crianças Cegas”, encontramos a essência do trabalho apresentado. É na infância que o homem se descobre e descobre o mundo que o rodeia. Conceitos simples ou complexos chegam à criança, que, na maioria das vezes, não se dá conta daquilo que aprende e aprende. A ludicidade, o encanto e o sensível devem estar presentes nessa construção de personalidades e de mundos, que vão crescendo e adquirindo formas definidas ao lado do crescimento da própria criança.

Por ora, ficamos por aqui. No próximo número, esperamos contar com sua companhia, compartilhando ideias, estruturando conceitos e adquirindo mais e mais referenciais a respeito da deficiência visual e de suas implicações.

Maria da Gloria de Souza Almeida
Comissão Editorial